

## ALMA E CRISTÃOS NO MUNDO

**A alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. A alma invisível está contida num corpo visível; os cristãos são vistos no mundo, mas sua religião é invisível.**

Essas palavras, tão antigas e tão atuais, ressoam como um eco suave vindo dos primeiros séculos da era cristã — uma sabedoria contida na *Epístola a Diogneto*, um pequeno tratado anônimo que, como uma carta lançada ao mar do tempo, ainda chega até nós.

Sempre me impressiona essa imagem: a alma no corpo, os cristãos no mundo. Não há retiro nem fuga aqui. Não se trata de construir muralhas ou fundar comunidades isoladas do restante da humanidade. Trata-se, ao contrário, de uma convivência paradoxal: estar sem pertencer, participar sem se confundir. Como o sal na água do mar — dissolvido, mas imprescindível.

Vivemos numa época em que tudo é espetáculo. Redes sociais, discursos performáticos, indignações públicas que nascem e morrem em um ciclo de horas. Nesse cenário, a fé — essa fé invisível — se torna um escândalo ou um mistério. Afinal, como confiar em algo que não se ostenta? Como acreditar naquilo que não se converte em hashtags, em curtidas, em campanhas de autopromoção?

Mas, justamente aí, mora a força desse princípio. A religião verdadeira, como a alma, não se exhibe em praça pública, não se veste de ostentação. Ela se encarna em gestos discretos: no perdão dado sem alarde, na compaixão silenciosa, na paciência cultivada no segredo do coração.

É claro que isso não é privilégio dos cristãos. Qualquer ser humano que se ponha a buscar algo superior à matéria — seja a verdade, a beleza, o bem, o amor — acaba experimentando essa condição: viver no mundo sem ser do mundo. E talvez por isso, nos momentos de maior autenticidade, todas as grandes tradições espirituais se toquem.

Os estoicos antigos já diziam que o sábio deve ser *cosmopolita* — cidadão do mundo — e ao mesmo tempo interiormente livre, não escravo das paixões efêmeras. Os místicos judeus falavam do "mundo vindouro" que já começa a florescer aqui e agora, no coração do justo. E Buda ensinava que o caminho da iluminação não consiste em abandonar o mundo, mas em ver o mundo tal como é: impermanente, insatisfatório, vazio de um eu separado.

A imagem da alma no corpo me faz lembrar também de um poema de Rainer Maria Rilke, onde ele escreve: *“O visível é apenas uma pele; o invisível penetra-nos com sua luz.”* Assim também a verdadeira vida espiritual: uma luz que atravessa o tecido opaco da existência cotidiana, sem pedir aplauso, sem buscar reconhecimento.

Hoje em dia, quando tantos confundem religião com identidade política, ou espiritualidade com consumo de experiências “holísticas”, essa distinção volta a ser preciosa. Estar no mundo sem ser do mundo não é desprezar o mundo — pelo contrário. É amá-lo com um amor mais profundo, que não busca possessão, nem controle, nem vaidade. É ser sal, fermento, presença discreta que transforma de dentro.

Por isso, penso que essa antiga epístola, escrita talvez por um anônimo cristão do século II, continua sendo um bálsamo para nós. Ela nos lembra que há um espaço de liberdade interior que ninguém pode tomar. Que a verdadeira fé — ou filosofia, ou busca — não se mede por sinais externos, mas por aquilo que sustenta a alma quando tudo ao redor vacila.

Que possamos cultivar essa leveza: viver no corpo sem nos reduzir ao corpo, habitar o mundo sem nos escravizar ao mundo. Que a nossa alma — tão invisível quanto preciosa — brilhe por entre os gestos simples do dia a dia, como uma chama serena que aquece sem chamar atenção.

E assim, seguiremos... no mundo, mas não do mundo.